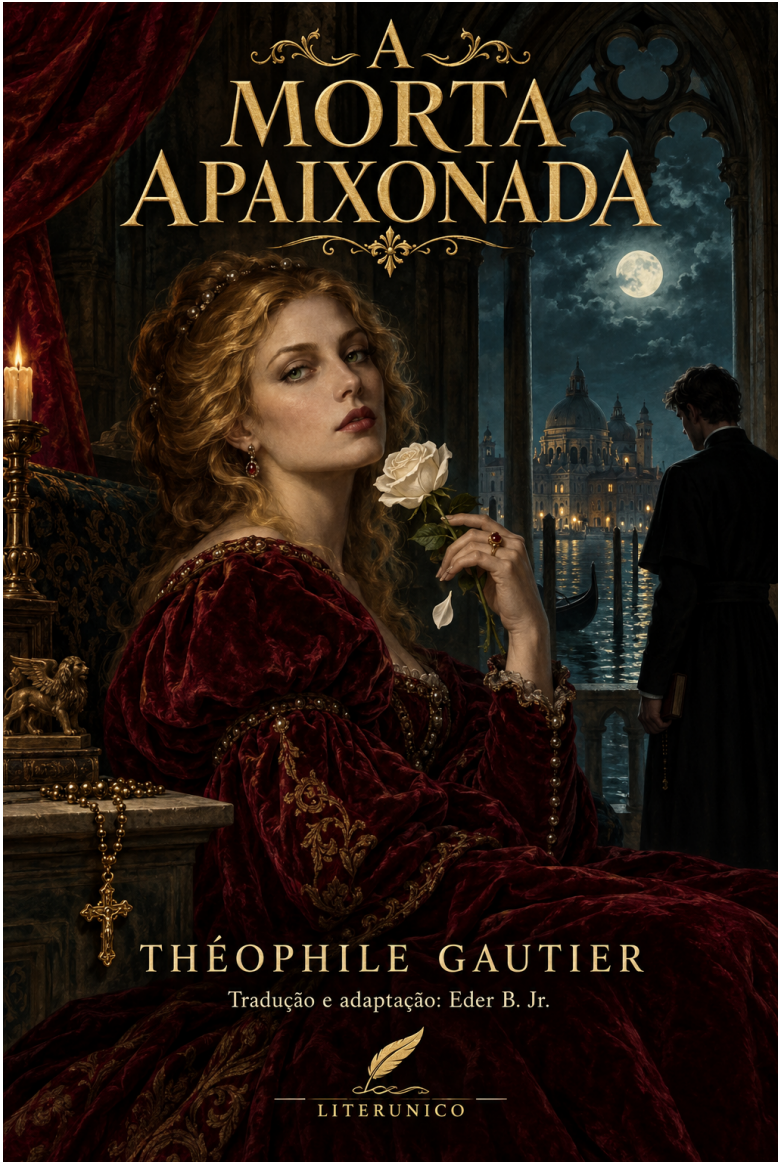




A MORTA APAIXONADA

THÉOPHILE GAUTIER

Tradução e adaptação: Eder B. Jr.



LITERUNICO

A Morta Apaixonada

Théophile Gautier

Tradução e adaptação: Eder B. Jr.

Literunico · 2026

Nota editorial

Esta edição apresenta uma tradução literária adaptada em português brasileiro de *La Morte amoureuse*, de Théophile Gautier, publicada em 1836. A revisão de completude traduz os 195 parágrafos do original francês, com todos os acontecimentos, diálogos e imagens acompanhados por cotejo individual. O texto usa português brasileiro contemporâneo e preserva a voz confessional de Romuald. A primeira versão condensava algumas formulações; esta revisão restitui os detalhes e as passagens identificados no cotejo. A sensualidade se expressa por olhares, beijos, proximidade e atmosfera. A intimidade permanece sugerida. Tradução e adaptação creditadas a Eder B. Jr., seguindo o projeto editorial de Três Semanas.

O original é um conto contínuo. Os seis títulos e as divisões de leitura são editoriais. Foram acrescentados três pequenos desenvolvimentos de cena: o gesto junto à lâmpada no bloco IV, o beijo na carruagem e a convivência ao fim da noite no bloco V. Esses acréscimos pertencem à adaptação de 2026. O enredo, a ambivalência sobrenatural, a dependência de sangue, o conflito religioso e o final seguem Gautier.

Romuald tem vinte e quatro anos no momento da ordenação e cerca de vinte e cinco quando começa a convivência noturna; narra aos sessenta e seis. Clarimonde é uma mulher adulta cuja idade exata o original deixa aberta. A edição conserva essa indefinição.

A fonte principal é o francês de *Nouvelles*, edição Lemerre de 1897, páginas 363–412, transcrito no Wikisource. A transcrição da Sociedade Théophile Gautier disponibilizada na coleção *Les Classiques des sciences sociales* serviu de segundo testemunho. A tradução inglesa de Lafcadio Hearn, falecido em 1904, preservada no Project Gutenberg, foi consultada como apoio pontual. A versão brasileira é nova e usa o original francês como base.

Gautier morreu em 1872. A obra original está em domínio público no Brasil segundo o prazo do artigo 41 da Lei 9.610/1998. As fontes e os créditos das transcrições estão registrados no dossiê. A edição comercial já catalogada sob book1109 permanece um registro próprio, com seus links e sua capa.

As afirmações de Romuald e Sérapion sobre mulheres, desejo, povos estrangeiros e condenação pertencem às vozes históricas da narrativa. A devoção de Clarimonde convive com ciúme, manipulação e uso de narcótico; a proteção de Sérapion culmina em violência contra o túmulo. O Almanaque e o guia de leitura propõem examinar essas tensões. Canaleio, o nome do canal na fonte, e as referências a Concini, Foscari, Lido e Fusine foram preservados; seus lugares na ficção dispensam uma localização conjectural.

Leitura gratuita destinada a adultos. Temas: desejo, morte, vampirismo, coerção, luto e conflito religioso.

I — O olhar durante a ordenação

Você me pergunta, irmão, se já amei; sim. É uma história singular e terrível, e, embora eu tenha sessenta e seis anos, mal ousou remexer as cinzas dessa lembrança. Não quero lhe recusar nada, mas não faria semelhante relato a uma alma menos experimentada. São acontecimentos tão estranhos que não consigo acreditar que tenham ocorrido comigo. Durante mais de três anos, fui o brinquedo de uma ilusão singular e diabólica.

Eu, pobre padre de aldeia, levava todas as noites, em sonho — queira Deus que fosse um sonho! —, uma vida de condenado, uma vida de homem mundano e de Sardanápalo. Um único olhar, complacente demais, lançado sobre uma mulher quase causou a perdição de minha alma; mas, por fim, com a ajuda de Deus e de meu santo protetor, consegui expulsar o espírito maligno que se apoderara de mim. Minha existência se complicara com outra existência noturna, inteiramente diferente.

De dia, eu era um sacerdote do Senhor, casto, ocupado com a oração e as coisas santas; à noite, assim que fechava os olhos, tornava-me um jovem senhor, fino conhecedor de mulheres, cães e cavalos, jogando dados, bebendo e blasfemando; e, quando despertava ao nascer do dia, parecia-me, ao contrário, que estava adormecendo e sonhava que era padre.

Dessa vida de sonâmbulo me ficaram lembranças de objetos e de palavras das quais não consigo me livrar; e, embora eu nunca tenha saído dos muros de meu presbitério, quem me ouve diria que sou antes um homem que experimentou de tudo

e voltou desenganado do mundo, que entrou para a vida religiosa e quer terminar no seio de Deus seus dias agitados demais, do que um humilde seminarista envelhecido numa paróquia ignorada, no fundo de um bosque e sem nenhuma relação com as coisas do século.

Sim, amei como ninguém no mundo jamais amou, com um amor insensato e furioso, tão violento que me espanta não ter feito meu coração explodir. Ah, que noites! Que noites!

Desde a mais tenra infância, eu sentira vocação para o sacerdócio; por isso, todos os meus estudos foram dirigidos nesse sentido, e minha vida, até os vinte e quatro anos, foi apenas um longo noviciado. Concluída a teologia, passei sucessivamente por todas as ordens menores, e meus superiores me julgaram digno, apesar de minha grande juventude, de transpor o último e temível grau. O dia de minha ordenação foi marcado para a semana da Páscoa.

Eu nunca havia frequentado o mundo; o mundo, para mim, era o recinto do colégio e do seminário. Sabia vagamente que existia alguma coisa a que se dava o nome de mulher, mas não detinha nisso meu pensamento; minha inocência era perfeita. Só via minha mãe, velha e enferma, duas vezes por ano. Essas eram todas as minhas relações com o exterior.

Não lamentava nada, não sentia a menor hesitação diante daquele compromisso irrevogável; estava cheio de alegria e de impaciência. Jamais um jovem noivo contou as horas com ardor mais febril; eu perdia o sono, sonhava que celebrava missa; ser padre, eu não via nada mais belo no mundo: teria recusado ser rei ou poeta. Minha ambição não concebia nada além disso.

Digo tudo isso para lhe mostrar quanto o que me aconteceu não deveria ter me acontecido, e de que fascinação

inexplicável fui vítima.

Quando chegou o grande dia, caminhei para a igreja com passos tão leves que me parecia estar suspenso no ar ou ter asas nos ombros. Julgava-me um anjo e me espantava com o semblante sombrio e preocupado de meus companheiros, pois éramos vários. Passara a noite em oração e estava num estado que quase tocava o êxtase. O bispo, velho venerável, parecia-me Deus Pai inclinado sobre sua eternidade, e eu via o céu através das abóbadas do templo.

Você conhece os detalhes dessa cerimônia: a bênção, a comunhão sob as duas espécies, a unção da palma das mãos com o óleo dos catecúmenos e, por fim, o santo sacrifício oferecido em conjunto com o bispo. Não me deterei nisso.

Oh, como Jó tem razão, e como é imprudente aquele que não faz um pacto com os próprios olhos! Por acaso, levantei a cabeça, que até então mantivera inclinada, e avistei diante de mim, tão perto que poderia tocá-la, embora na realidade estivesse a uma distância considerável e do outro lado da balaustrada, uma jovem mulher de rara beleza, vestida com magnificência real. Foi como se escamas me caíssem dos olhos.

Experimentei a sensação de um cego que recuperasse subitamente a visão. O bispo, tão radiante um instante antes, apagou-se de repente, as velas empalideceram em seus castiçais de ouro como as estrelas pela manhã, e uma escuridão completa se fez por toda a igreja. A criatura encantadora se destacava sobre aquele fundo de sombra como uma revelação angélica; parecia iluminar-se por si mesma e irradiar a luz, em vez de recebê-la.

Baixei as pálpebras, firmemente decidido a não tornar a levantá-las, para escapar à influência dos objetos exteriores;

pois a distração me invadia cada vez mais, e eu mal sabia o que fazia.

Um minuto depois, reabri os olhos, pois através dos cílios eu a via cintilante das cores do prisma, numa penumbra púrpura, como quando se olha para o sol.

Oh, como era bela! Os maiores pintores, quando, perseguindo no céu a beleza ideal, trouxeram à terra o divino retrato da Madona, nem sequer se aproximam daquela realidade fabulosa. Nem os versos do poeta nem a paleta do pintor podem dar uma ideia dela.

Era bastante alta, de figura e porte de deusa; seus cabelos, de um loiro suave, repartiam-se no alto da cabeça e fluíam sobre as têmporas como dois rios de ouro; dir-se-ia uma rainha com seu diadema; sua testa, de uma brancura azulada e transparente, estendia-se larga e serena sobre os arcos de duas sobrancelhas quase castanhas, singularidade que acentuava ainda mais o efeito de seus olhos verde-mar, de uma vivacidade e um brilho insuportáveis.

Que olhos! Com um relâmpago decidiam o destino de um homem; tinham uma vida, uma limpidez, um ardor, uma umidade brilhante que jamais vi num olho humano; deles escapavam raios semelhantes a flechas, e eu os via distintamente atingir meu coração. Não sei se a chama que os iluminava vinha do céu ou do inferno, mas certamente vinha de um ou de outro.

Aquela mulher era um anjo ou um demônio, e talvez ambos; certamente não saíra do flanco de Eva, nossa mãe comum. Dentes do mais belo brilho de pérola cintilavam em seu sorriso vermelho, e pequenas covinhas se abriam, a cada inflexão de sua boca, no cetim rosado de suas adoráveis faces. Quanto ao nariz, tinha uma delicadeza e uma altivez inteiramente reais, e

revelava a mais nobre origem.

Reflexos de ágata brincavam sobre a pele lisa e lustrosa de seus ombros meio descobertos, e fileiras de grandes pérolas douradas, de um tom quase igual ao de seu pescoço, desciam-lhe sobre o peito. De tempos em tempos, ela erguia a cabeça com um movimento ondulante de serpente ou de pavão que estufa o pescoço, e imprimia um leve tremor à alta gola franzida, bordada em vazado, que a envolvia como uma treliça de prata.

Usava um vestido de veludo vermelho-alaranjado, e de suas largas mangas forradas de arminho saíam mãos patricias de uma delicadeza infinita, com dedos longos e cheios, de uma transparência tão ideal que deixavam passar a luz como os da Aurora.

Todos esses detalhes ainda me estão tão presentes como se fossem de ontem e, embora eu estivesse numa perturbação extrema, nada me escapava: a mais leve nuance, o pequeno ponto negro no canto do queixo, a penugem imperceptível nas comissuras dos lábios, o aveludado da testa, a sombra trêmula dos cílios sobre as faces; eu captava tudo com uma lucidez espantosa.

À medida que a olhava, sentia abrirem-se dentro de mim portas que até então haviam permanecido fechadas; respiradouros obstruídos se desimpediam em todas as direções e deixavam entrever perspectivas desconhecidas; a vida me aparecia sob um aspecto inteiramente novo; eu acabara de nascer para outra ordem de ideias. Uma angústia pavorosa me atenazava o coração; cada minuto que transcorria me parecia um segundo e um século.

A cerimônia avançava, no entanto, e eu era levado para bem longe do mundo cuja entrada meus desejos nascentes

assediavam furiosamente. Ainda assim, eu dizia sim quando queria dizer não, quando tudo em mim se revoltava e protestava contra a violência que minha língua fazia à minha alma: uma força oculta arrancava as palavras de minha garganta, apesar de mim.

Talvez seja isso que leva tantas moças ao altar com a firme resolução de recusar de maneira estrondosa o marido que lhes impõem, e faz com que nenhuma delas execute seu projeto. Sem dúvida, é isso que leva tantas pobres noviças a tomar o véu, embora estejam decididas a rasgá-lo em pedaços no momento de pronunciar seus votos.

Não se ousa causar tamanho escândalo diante de todos nem frustrar a expectativa de tantas pessoas; todas aquelas vontades, todos aqueles olhares parecem pesar sobre nós como uma capa de chumbo; e, além disso, as providências são tão bem tomadas, tudo é tão bem regulado de antemão, de uma maneira tão evidentemente irrevogável, que o pensamento cede ao peso da coisa e se abate por completo.

O olhar da bela desconhecida mudava de expressão conforme a cerimônia progredia. De terno e acariciante, como era a princípio, passou a assumir um ar de desdém e descontentamento, como por não ter sido compreendido.

Fiz um esforço suficiente para arrancar uma montanha, para gritar que não queria ser padre; mas não consegui; minha língua ficou pregada ao céu da boca, e me foi impossível traduzir minha vontade pelo mais leve movimento de recusa. Eu estava, plenamente desperto, num estado semelhante ao do pesadelo, em que se quer gritar uma palavra da qual depende a própria vida, sem conseguir fazê-lo.

Ela pareceu sensível ao martírio que eu sofria e, como para me encorajar, lançou-me um olhar cheio de promessas divinas.

Seus olhos eram um poema do qual cada olhar formava um canto.

Ela me dizia:

“Se quiser ser meu, farei você mais feliz que o próprio Deus em seu paraíso; os anjos terão inveja. Rasgue essa mortalha fúnebre em que está prestes a se envolver; eu sou a beleza, sou a juventude, sou a vida; venha a mim, seremos o amor. Que poderia Jeová oferecer em compensação? Nossa existência correrá como um sonho e será apenas um beijo eterno.

“Derrame o vinho desse cálice, e estará livre. Levarei você a ilhas desconhecidas; dormirá sobre meu seio, numa cama de ouro maciço e sob um dossel de prata; pois amo você e quero roubá-lo de seu Deus, diante de quem tantos nobres corações derramam torrentes de amor que não chegam até ele.”

Parecia-me ouvir aquelas palavras num ritmo de infinita doçura, pois seu olhar quase tinha sonoridade, e as frases que seus olhos me enviavam ressoavam no fundo de meu coração, como se uma boca invisível as tivesse soprado em minha alma. Sentia-me pronto a renunciar a Deus, e, no entanto, meu coração cumpria mecanicamente as formalidades da cerimônia.

A bela me lançou um segundo olhar tão suplicante, tão desesperado, que lâminas afiadas atravessaram meu coração, e senti mais espadas no peito que a Mãe das Dores.

Estava consumado: eu era padre.

Jamais um semblante humano exprimiu uma angústia tão pungente; a jovem que vê seu noivo cair morto de repente a seu lado, a mãe junto ao berço vazio de seu filho, Eva sentada à soleira da porta do paraíso, o avarento que encontra uma

pedra no lugar de seu tesouro, o poeta que deixou rolar para o fogo o único manuscrito de sua mais bela obra, nenhum deles tem um ar mais arrasado e inconsolável.

O sangue abandonou por completo seu rosto encantador, que adquiriu uma brancura de mármore; seus belos braços caíram ao longo do corpo, como se os músculos tivessem sido desatados, e ela se apoiou num pilar, pois as pernas se dobravam e cediam sob ela.

Quanto a mim, lívido, com a testa inundada de um suor mais sangrento que o do Calvário, dirigi-me cambaleando para a porta da igreja; sufocava; as abóbadas se achatavam sobre meus ombros, e me parecia que só minha cabeça sustentava todo o peso da cúpula.

Quando eu ia transpor a soleira, uma mão se apoderou bruscamente da minha; uma mão de mulher! Eu nunca havia tocado uma. Era fria como a pele de uma serpente, e sua impressão me ficou ardendo como a marca de um ferro em brasa. Era ela. “Infeliz! Infeliz! O que você fez?”, disse-me em voz baixa; depois desapareceu na multidão.

O velho bispo passou; olhou-me com um ar severo. Minha expressão era a mais estranha do mundo; eu empalidecia, corava, minha vista se ofuscava. Um de meus companheiros teve pena de mim, tomou-me e me levou; eu teria sido incapaz de encontrar sozinho o caminho do seminário.

II — O palácio ao sol

Ao dobrar uma rua, enquanto o jovem padre virava a cabeça para outro lado, um pajem negro, vestido de maneira estranha, aproximou-se de mim e me entregou, sem parar em sua corrida, uma pequena caderneta com cantos de ouro cinzelado, fazendo sinal para que eu a escondesse; deslizei-a para dentro da manga e a mantive ali até estar sozinho em minha cela.

Abri o fecho de um golpe; havia apenas duas folhas com estas palavras: “Clarimonde, no palácio Concini.” Naquele tempo, eu conhecia tão pouco as coisas da vida que não sabia quem era Clarimonde, apesar de sua celebridade, e ignorava por completo onde ficava o palácio Concini. Fiz mil conjecturas, cada qual mais extravagante que a outra; mas, na verdade, desde que pudesse revê-la, pouco me preocupava com o que ela pudesse ser, grande dama ou cortesã.

Aquele amor, nascido havia um instante, se enraizara de maneira indestrutível; nem sequer pensei em tentar arrancá-lo, tão impossível isso me parecia. Aquela mulher se apoderara inteiramente de mim; um único olhar bastara para me transformar; ela soprara em mim sua vontade; eu já não vivia em mim, mas nela e por ela. Cometia mil extravagâncias, beijava em minha mão o lugar que ela tocara e repetia seu nome durante horas inteiras.

Bastava fechar os olhos para vê-la tão distintamente como se estivesse realmente presente, e eu repetia a mim mesmo aquelas palavras que me dissera sob o portal da igreja: “Infeliz! Infeliz! O que você fez?” Compreendia todo o horror de minha situação, e os aspectos fúnebres e terríveis da condição que acabara de abraçar se revelavam claramente a

mim.

Ser padre! Isto é, ser casto, não amar, não distinguir sexo nem idade, desviar-se de toda beleza, arrancar os próprios olhos, rastejar sob a sombra gelada de um claustro ou de uma igreja, só ver moribundos, velar junto a cadáveres desconhecidos e carregar o próprio luto na batina preta, de modo que se possa fazer de nossa roupa um pano para nosso caixão!

E eu sentia a vida subir dentro de mim como um lago interior que se avoluma e transborda; meu sangue pulsava com força nas artérias; minha juventude, comprimida por tanto tempo, irrompia de repente como o aloés que leva cem anos para florescer e se abre com um estrondo de trovão.

Como fazer para rever Clarimonde? Eu não tinha nenhum pretexto para sair do seminário, pois não conhecia ninguém na cidade; nem sequer devia permanecer ali, onde só esperava que me designassem a paróquia que deveria ocupar. Tentei desprender as grades da janela; mas ela ficava a uma altura assustadora e, como eu não tinha escada, era inútil pensar nisso.

E, além disso, eu só poderia descer à noite; como me orientaria no inextricável labirinto das ruas? Todas aquelas dificuldades, que nada seriam para outros, eram imensas para mim, pobre seminarista, apaixonado desde a véspera, sem experiência, sem dinheiro e sem roupas.

Ah, se eu não fosse padre, poderia vê-la todos os dias; seria seu amante, seu marido, dizia a mim mesmo em minha cegueira; em vez de estar envolto em minha triste mortalha, teria roupas de seda e veludo, correntes de ouro, uma espada e plumas, como os belos jovens cavaleiros. Meus cabelos, em vez de desonrados por uma larga tonsura, brincariam ao redor de meu pescoço em cachos ondulantes. Eu teria um belo bigode

encerado, seria um valente.

Mas uma hora passada diante de um altar, algumas palavras mal articuladas, me excluía para todo o sempre do número dos vivos, e eu mesmo selara a pedra de meu túmulo, empurrara com minha própria mão o ferrolho de minha prisão!

Fui à janela. O céu estava admiravelmente azul, as árvores tinham vestido sua roupa de primavera; a natureza fazia alarde de uma alegria irônica. A praça estava cheia de gente; uns iam, outros vinham; jovens elegantes e jovens beldades, de dois em dois, seguiam para o lado do jardim e dos caramanchões. Companheiros passavam cantando refrões de bebida; era um movimento, uma vida, uma animação, uma alegria que faziam sobressair dolorosamente meu luto e minha solidão.

Uma jovem mãe, à soleira da porta, brincava com seu filho; beijava-lhe a boquinha rosada, ainda salpicada de gotas de leite como pérolas, e, provocando-o, fazia-lhe mil daquelas divinas criancices que só as mães sabem inventar. O pai, de pé a alguma distância, sorria docemente para aquele grupo encantador, e seus braços cruzados apertavam sua alegria contra o coração.

Não pude suportar aquele espetáculo; fechei a janela e me atirei na cama, com um ódio e um ciúme pavorosos no coração, mordendo os dedos e a coberta como um tigre em jejum havia três dias.

Não sei quantos dias permaneci assim; mas, ao me voltar num movimento de espasmo furioso, avistei o padre Sérapión de pé no meio do quarto, considerando-me atentamente. Senti vergonha de mim mesmo e, deixando cair a cabeça sobre o peito, cobri os olhos com as mãos.

“Romuald, meu amigo, alguma coisa extraordinária se passa em você”, disse-me Sérapion depois de alguns minutos de silêncio; “seu comportamento é verdadeiramente inexplicável! Você, tão piedoso, tão calmo e tão manso, se agita em sua cela como uma fera.

“Tome cuidado, meu irmão, e não escute as sugestões do diabo; o espírito maligno, irritado porque você se consagrou para todo o sempre ao Senhor, ronda ao seu redor como um lobo voraz e faz um último esforço para atraí-lo. Em vez de se deixar abater, meu caro Romuald, faça para si uma couraça de orações, um escudo de mortificações, e combata valentemente o inimigo; você o vencerá. A provação é necessária à virtude, e o ouro sai mais puro da copela.

“Não se assuste nem desanime; as almas mais bem guardadas e mais firmes tiveram momentos assim. Reze, jejue, medite, e o mau espírito se retirará.”

O discurso do padre Sérapion me fez voltar a mim mesmo, e fiquei um pouco mais calmo. “Vim anunciar sua nomeação para a paróquia de C***; o padre que a ocupava acaba de morrer, e Sua Excelência, o bispo, me encarregou de ir instalá-lo ali; esteja pronto para amanhã.” Respondi com um aceno de cabeça que estaria, e o padre se retirou.

Abri meu missal e comecei a ler orações; mas aquelas linhas logo se confundiram sob meus olhos; o fio das ideias se enredou em meu cérebro, e o volume escorregou de minhas mãos sem que eu percebesse.

Partir amanhã sem tê-la revisto! Acrescentar ainda outra impossibilidade a todas as que já existiam entre nós! Perder para todo o sempre a esperança de encontrá-la, salvo por um milagre! Escrever-lhe? Por quem faria chegar minha carta? Com o caráter sagrado de que estava investido, a quem me

abrir, em quem confiar? Eu sentia uma ansiedade terrível.

Depois, voltava-me à memória o que o padre Sérapion dissera dos artifícios do diabo; a estranheza da aventura, a beleza sobrenatural de Clarimonde, o brilho fosforescente de seus olhos, a impressão ardente de sua mão, a perturbação em que me lançara, a mudança súbita que se operara em mim, minha piedade dissipada num instante, tudo aquilo provava claramente a presença do diabo, e aquela mão acetinada talvez fosse apenas a luva com que ele cobrira sua garra.

Aquelas ideias me lançaram num grande pavor; recolhi o missal que rolara de meus joelhos para o chão e voltei às orações.

No dia seguinte, Sérapion veio buscar-me; duas mulas nos esperavam à porta, carregadas com nossas escassas malas; ele montou uma, e eu a outra, com dificuldade. Enquanto percorríamos as ruas da cidade, eu olhava para todas as janelas e todos os balcões, para ver se avistava Clarimonde; mas era cedo demais, e a cidade ainda não abrira os olhos. Meu olhar procurava penetrar por trás das persianas e através das cortinas de todos os palácios diante dos quais passávamos.

Sérapion sem dúvida atribuía aquela curiosidade à admiração que me causava a beleza da arquitetura, pois diminuía o passo de sua montaria para me dar tempo de olhar. Por fim, chegamos à porta da cidade e começamos a subir a colina. Quando alcancei o alto, voltei-me para olhar mais uma vez os lugares onde Clarimonde vivia.

A sombra de uma nuvem cobria inteiramente a cidade; seus telhados azuis e vermelhos se confundiam numa meia-tinta geral, sobre a qual flutuavam aqui e ali, como brancos flocos de espuma, as fumaças da manhã. Por um singular efeito de óptica, desenhava-se, loiro e dourado sob um único raio de luz,

um edifício que superava em altura as construções vizinhas, inteiramente mergulhadas na névoa; embora estivesse a mais de uma légua, parecia muito próximo.

Distinguiam-se seus menores detalhes, as pequenas torres, os terraços, as janelas, e até os cata-ventos em cauda de andorinha.

“Que palácio é aquele que vejo lá ao longe, iluminado por um raio de sol?”, perguntei a Sérapión. Ele pôs a mão sobre os olhos e, depois de olhar, respondeu-me: “É o antigo palácio que o príncipe Concini deu à cortesã Clarimonde; coisas pavorosas acontecem ali.”

Naquele momento, ainda não sei se foi uma realidade ou uma ilusão, julguei ver deslizar pelo terraço uma figura esbelta e branca que cintilou por um segundo e se apagou. Era Clarimonde!

Oh, saberia ela que, àquela hora, do alto daquele caminho áspero que me afastava dela e que eu não deveria mais descer, ardente e inquieto, eu acariciava com os olhos o palácio em que ela morava, e que um jogo zombeteiro de luz parecia aproximar de mim, como para me convidar a entrar ali como senhor? Sem dúvida, ela sabia, pois sua alma estava ligada à minha por uma afinidade tão profunda que não poderia deixar de sentir seus menores abalos, e fora esse sentimento que a levava, ainda envolta em seus véus de noite, a subir ao alto do terraço, sob o orvalho gelado da manhã.

A sombra tomou o palácio, e restou apenas um oceano imóvel de telhados e coberturas, no qual nada se distinguia além de uma ondulação montanhosa. Sérapión incitou sua mula, cuja marcha a minha logo acompanhou, e uma curva do caminho me ocultou para sempre a cidade de S..., pois eu não deveria voltar a ela.

Ao fim de três dias de viagem por campos bastante tristes, vimos despontar entre as árvores o galo do campanário da igreja que eu deveria servir; e, depois de seguir algumas ruas tortuosas, ladeadas de casas com telhados de palha e pequenas hortas, encontramos-nos diante da fachada, que não era de grande magnificência.

Um pórtico ornado de algumas nervuras e de dois ou três pilares de arenito grosseiramente talhados, um telhado de telhas e contrafortes do mesmo arenito dos pilares, era tudo: à esquerda, o cemitério inteiramente coberto de capim alto, com uma grande cruz de ferro no meio; à direita, à sombra da igreja, o presbitério. Era uma casa de extrema simplicidade e de uma limpeza árida.

Entramos; algumas galinhas bicavam no chão uns poucos grãos de aveia; aparentemente acostumadas à roupa preta dos eclesiásticos, não se assustaram com nossa presença e mal se afastaram para nos deixar passar. Ouviu-se um latido áspero e rouco, e vimos um velho cão chegar correndo.

Era o cão de meu antecessor. Tinha o olhar apagado, o pelo grisalho e todos os sinais da velhice mais avançada a que um cão pode chegar. Acariciei-o suavemente com a mão, e ele logo começou a caminhar a meu lado com um ar de satisfação inexprimível. Uma mulher bastante idosa, que fora governanta do antigo pároco, também veio ao nosso encontro e, depois de me fazer entrar numa sala de teto baixo, perguntou-me se eu pretendia mantê-la.

Respondi-lhe que a manteria, assim como o cão, as galinhas e todos os móveis que seu patrão lhe deixara ao morrer, o que a lançou num transporte de alegria, pois o padre Sérapion lhe entregou na mesma hora o preço que ela pedia pela mobília.

Concluída minha instalação, o padre Sérapion voltou ao seminário. Fiquei, portanto, sozinho, sem outro apoio além de mim mesmo. O pensamento de Clarimonde voltou a me obcecar e, por mais esforços que fizesse para afastá-lo, nem sempre conseguia.

Certa noite, enquanto passeava pelas alamedas ladeadas de buxos de meu pequeno jardim, pareceu-me ver através da sebe de carpinos uma figura de mulher que acompanhava todos os meus movimentos, e, entre as folhas, cintilarem os dois olhos verde-mar; mas era apenas uma ilusão e, passando para o outro lado da alameda, não encontrei nada além de uma pegada na areia, tão pequena que dir-se-ia o pé de uma criança.

O jardim estava cercado de muros muito altos; percorri todos os seus cantos e recantos; não havia ninguém. Nunca consegui explicar aquela circunstância, que, de resto, nada era diante das coisas estranhas que ainda deveriam me acontecer. Vivia assim havia um ano, cumprindo com exatidão todos os deveres de minha condição, rezando, jejuando, exortando e socorrendo os enfermos, dando esmolas a ponto de me privar das necessidades mais indispensáveis.

Mas sentia dentro de mim uma aridez extrema, e as fontes da graça me estavam fechadas. Não desfrutava daquela felicidade que o cumprimento de uma missão santa proporciona; meu pensamento estava em outro lugar, e as palavras de Clarimonde voltavam muitas vezes aos meus lábios como uma espécie de refrão involuntário.

Ó irmão, medite bem sobre isto! Por ter levantado uma única vez o olhar para uma mulher, por uma falta aparentemente tão leve, sofri durante vários anos as mais miseráveis agitações: minha vida foi perturbada para sempre.

III — A rosa branca

Não o deterei por mais tempo nessas derrotas e vitórias interiores, sempre seguidas de recaídas mais profundas, e passarei imediatamente a uma circunstância decisiva. Uma noite, tocaram com violência a campainha de minha porta. A velha governanta foi abrir, e um homem de pele acobreada, ricamente vestido, mas à moda estrangeira, com um longo punhal, desenhou-se sob a luz da lanterna de Barbara.

Seu primeiro movimento foi de susto; o homem, porém, a tranquilizou e lhe disse que precisava falar comigo imediatamente sobre algo que dizia respeito a meu ministério. Barbara o fez subir. Eu estava prestes a me deitar. O homem me disse que sua senhora, uma dama de altíssima posição, se encontrava às portas da morte e desejava um padre. Respondi que estava pronto a acompanhá-lo; tomei comigo o necessário para a extrema-unção e desci às pressas.

Diante da porta, dois cavalos negros como a noite pateavam de impaciência, lançando sobre o peito duas longas ondas de vapor. Ele segurou o estribo e me ajudou a montar num deles; depois saltou sobre o outro, apoiando apenas uma mão no arção da sela. Apertou os joelhos e soltou as rédeas de seu cavalo, que partiu como uma flecha. O meu, cuja brida ele segurava, também tomou o galope e se manteve rigorosamente a seu lado.

Devorávamos o caminho; a terra corria sob nós, cinzenta e riscada, e as silhuetas negras das árvores fugiam como um exército em debandada. Atravessamos uma floresta de escuridão tão espessa e gelada que senti um arrepio de terror supersticioso percorrer minha pele.

Os tufos de faíscas que as ferraduras de nossos cavalos arrancavam das pedras deixavam à nossa passagem uma espécie de rastro de fogo; se alguém nos tivesse visto àquela hora da noite, a mim e a meu condutor, teria nos tomado por dois espectros montados no pesadelo. Fogos-fátuos atravessavam de vez em quando o caminho, e as gralhas gritavam lastimosamente no denso bosque, onde brilhavam, aqui e ali, os olhos fosforescentes de alguns gatos selvagens.

As crinas dos cavalos se revolviam cada vez mais, o suor escorria por seus flancos e a respiração saía ruidosa e apressada de suas narinas. Mas, quando os via fraquejar, o escudeiro soltava, para reanimá-los, um grito gutural que nada tinha de humano, e a corrida recomeçava com fúria.

Por fim, o turbilhão parou; uma massa negra, salpicada de alguns pontos luminosos, ergueu-se de súbito diante de nós. Os passos de nossas montarias ressoaram com mais força sobre um piso reforçado com ferro, e entramos sob uma abóbada que abria sua boca sombria entre duas torres enormes. Grande agitação reinava no castelo; criados com tochas nas mãos atravessavam os pátios em todas as direções, e luzes subiam e desciam de um patamar a outro.

Entrevi confusamente construções imensas, colunas, arcadas, escadarias e rampas, um luxo arquitetônico verdadeiramente real e feérico. Um pajem negro, o mesmo que me entregara a caderneta de Clarimonde e que reconheci no mesmo instante, veio ajudar-me a desmontar; um mordomo, vestido de veludo preto, com uma corrente de ouro ao pescoço e uma bengala de marfim na mão, avançou ao meu encontro. Grandes lágrimas transbordavam de seus olhos e corriam pelas faces até a barba branca.

— Tarde demais! — disse ele, balançando a cabeça. — Tarde demais, senhor padre! Mas, já que não pôde salvar a alma, venha velar o pobre corpo. — Tomou-me pelo braço e me conduziu à câmara mortuária; eu chorava tanto quanto ele, pois compreendera que a morta era aquela mesma Clarimonde que eu amava tanto e com tamanha loucura.

Um genuflexório estava disposto junto à cama; uma chama azulada, tremulando sobre uma taça de bronze, espalhava pelo quarto uma claridade fraca e incerta e, aqui e ali, fazia cintilar na sombra alguma aresta saliente de móvel ou de cornija.

Sobre a mesa, mergulhada numa urna cinzelada, havia uma rosa branca murcha, cujas pétalas, com exceção de uma só que ainda se prendia à flor, tinham todas caído ao pé do vaso, como lágrimas perfumadas; uma máscara preta quebrada, um leque e disfarces de toda espécie estavam espalhados pelas poltronas e mostravam que a morte chegara àquela morada suntuosa de surpresa, sem se fazer anunciar.

Ajoelhei-me sem ousar lançar os olhos sobre a cama e comecei a recitar os salmos com grande fervor, agradecendo a Deus por ter colocado o túmulo entre mim e o pensamento daquela mulher, para que eu pudesse acrescentar às minhas preces seu nome, agora santificado. Pouco a pouco, porém, esse ímpeto arrefeceu, e caí em devaneio. Aquele quarto nada tinha de uma câmara de morte.

Em lugar do ar fétido e cadavérico que eu costumava respirar naquelas vigílias fúnebres, uma fumaça lânguida de essências orientais, um perfume amoroso de mulher que eu não saberia definir, flutuava suavemente no ar morno. Aquela pálida claridade parecia antes uma meia-luz preparada para a volúpia que a lamparina de reflexo amarelo que tremula junto aos cadáveres.

Eu pensava no singular acaso que me fizera reencontrar Clarimonde no momento em que a perdia para sempre, e um suspiro de pesar escapou de meu peito. Pareceu-me que alguém também suspirara atrás de mim, e me voltei involuntariamente. Era o eco. Nesse movimento, meus olhos caíram sobre o leito de aparato que até então tinham evitado.

As cortinas de damasco vermelho com grandes flores, recolhidas por cordões entrançados de ouro, deixavam ver a morta estendida em todo o seu comprimento, com as mãos unidas sobre o peito. Cobria-a um véu de linho de brancura deslumbrante, ainda mais realçada pela púrpura escura das cortinas, e de tamanha finura que em nada ocultava a forma encantadora de seu corpo; permitia acompanhar aquelas belas linhas ondulantes como o pescoço de um cisne, que nem a própria morte conseguira enrijecer.

Parecia uma estátua de alabastro feita por algum escultor hábil para ser colocada sobre o túmulo de uma rainha, ou ainda uma jovem adormecida sobre quem tivesse nevado.

Eu já não podia suportar aquilo; a atmosfera de alcova me embriagava, aquele perfume febril de rosa meio murcha me subia à cabeça, e eu caminhava a passos largos pelo quarto, detendo-me a cada volta diante do estrado para contemplar a graciosa morta sob a transparência de sua mortalha. Pensamentos estranhos me atravessavam o espírito; imaginava que ela não estava realmente morta e que aquilo era apenas um fingimento de que se servira para me atrair a seu castelo e me contar seu amor.

Por um instante, cheguei a acreditar que vira seu pé se mover na brancura dos véus, desfazendo as pregas retas do sudário.

Então eu dizia a mim mesmo: “Será mesmo Clarimonde? Que prova tenho? Aquele pajem negro não poderia ter entrado a

serviço de outra mulher? Sou um louco por me desesperar e me agitar assim”. Mas meu coração me respondeu com uma batida: “É ela, sim, é ela”. Aproximei-me da cama e contemplei com atenção redobrada o objeto de minha incerteza.

Devo confessar-lhe? Aquela perfeição de formas, embora purificada e santificada pela sombra da morte, me perturbava mais voluptuosamente do que deveria, e aquele repouso se parecia tanto com o sono que seria fácil confundi-los. Eu esquecia que viera para um ofício fúnebre e me imaginava um jovem esposo entrando no quarto da noiva, que esconde o rosto por pudor e não quer se deixar ver.

Dilacerado de dor, perdido de alegria, tremendo de medo e prazer, inclinei-me para ela e tomei uma ponta do lençol; ergui-a lentamente, prendendo a respiração por medo de despertá-la. Minhas artérias pulsavam com tanta força que eu as sentia zunir nas têmporas, e o suor me escorria pela testa como se eu tivesse levantado uma laje de mármore.

Era, de fato, Clarimonde, tal como eu a vira na igreja durante minha ordenação; estava igualmente encantadora, e a morte parecia nela mais um artifício de sedução.

A palidez das faces, o rosa menos vivo dos lábios, os longos cílios abaixados, recortando sua franja castanha sobre aquela brancura, davam-lhe uma expressão de castidade melancólica e sofrimento pensativo, de um poder de sedução inexprimível; seus longos cabelos soltos, nos quais ainda se misturavam algumas pequenas flores azuis, serviam de travesseiro à cabeça e protegiam com seus cachos a nudez dos ombros; as belas mãos, mais puras e diáfanas que hóstias, estavam cruzadas numa atitude de repouso piedoso e prece silenciosa, que moderava o que poderiam ter de excessivamente sedutor, mesmo na morte, a primorosa redondeza e o lustro de marfim

dos braços nus, dos quais não se haviam retirado os braceletes de pérolas.

Fiquei muito tempo absorto numa contemplação silenciosa; quanto mais a olhava, menos podia acreditar que a vida abandonara para sempre aquele belo corpo. Não sei se era uma ilusão ou um reflexo da lâmpada, mas parecia que o sangue começava a circular outra vez sob aquela palidez sem brilho; ela, no entanto, permanecia na mais perfeita imobilidade.

Toquei de leve seu braço; estava frio, mas não mais frio que sua mão no dia em que roçara a minha sob o portal da igreja. Retomei minha posição, inclinando meu rosto sobre o dela e deixando chover em suas faces o orvalho morno de minhas lágrimas. Ah, que sentimento amargo de desespero e impotência! Que agonia aquela vigília! Eu desejava poder reunir toda a minha vida numa só porção para entregá-la a ela e soprar sobre seu corpo gelado a chama que me devorava.

A noite avançava e, sentindo aproximar-se o momento da separação eterna, não pude me negar a triste e derradeira doçura de depositar um beijo nos lábios mortos daquela que recebera todo o meu amor. Oh, prodígio! Um sopro leve se misturou ao meu, e a boca de Clarimonde respondeu à pressão da minha; seus olhos se abriram e recuperaram um pouco do brilho, ela suspirou e, descruzando os braços, passou-os atrás de meu pescoço com uma expressão de arrebatamento indizível.

— Ah, é você, Romuald — disse ela, com uma voz lânguida e doce como as últimas vibrações de uma harpa. — O que está fazendo? Esperei tanto por você que morri; mas agora estamos prometidos um ao outro, poderei vê-lo e ir à sua casa. Adeus, Romuald, adeus! Amo você; era tudo o que queria lhe dizer, e

devolvo-lhe a vida que seu beijo me restituiu por um minuto. Até breve.

Sua cabeça caiu para trás, mas ela continuava a me envolver com os braços, como se quisesse reter-me. Um turbilhão de vento furioso arrombou a janela e entrou no quarto; a última pétala da rosa branca palpitou por algum tempo como uma asa na ponta da haste, depois se desprendeceu e voou pela janela aberta, levando consigo a alma de Clarimonde. A lâmpada se apagou, e caí desmaiado sobre o peito da bela morta.

Quando voltei a mim, estava deitado em minha cama, no pequeno quarto do presbitério, e o velho cão do antigo pároco lambia minha mão, estendida para fora da coberta. Barbara se agitava pelo aposento com um tremor senil, abrindo e fechando gavetas ou misturando pós em copos. Ao me ver abrir os olhos, a velha soltou um grito de alegria, o cão latiu e abanou a cauda; eu, porém, estava tão fraco que não pude dizer uma palavra nem fazer qualquer movimento.

Soube depois que permanecera assim durante três dias, sem dar outro sinal de existência além de uma respiração quase imperceptível. Esses três dias não contam em minha vida, e não sei aonde meu espírito foi durante todo esse tempo; não conservei deles lembrança alguma. Barbara me contou que o mesmo homem de pele acobreada que viera me buscar durante a noite me trouxera de volta pela manhã numa liteira fechada e partira imediatamente.

Assim que pude ordenar os pensamentos, repassei comigo todas as circunstâncias daquela noite fatal. A princípio, pensei ter sido o brinquedo de uma ilusão mágica; circunstâncias reais e palpáveis, porém, logo desfizeram essa suposição. Eu não podia acreditar que tivesse sonhado, pois Barbara vira, assim como eu, o homem dos dois cavalos negros e descrevia com

exatidão seu traje e sua aparência.

Entretanto, ninguém nos arredores conhecia um castelo ao qual correspondesse a descrição daquele onde eu reencontrara Clarimonde.

IV — Mais forte que a morte

Uma manhã, vi entrar o padre Sérapion. Barbara lhe mandara dizer que eu estava doente, e ele viera correndo, com toda a pressa. Embora aquele empenho demonstrasse afeição e interesse por minha pessoa, sua visita não me deu o prazer que deveria ter dado. O padre Sérapion tinha no olhar algo de penetrante e inquisidor que me incomodava. Diante dele, eu me sentia embaraçado e culpado. Fora o primeiro a descobrir minha perturbação interior, e eu lhe guardava rancor por sua clarividência.

Enquanto perguntava por minha saúde num tom hipocritamente meloso, fixava em mim suas duas pupilas amarelas de leão e mergulhava os olhos em minha alma como uma sonda. Depois me fez algumas perguntas sobre como eu dirigia a paróquia, se gostava de estar ali, em que passava o tempo que meu ministério me deixava livre, se fizera amizades entre os moradores do lugar, quais eram minhas leituras favoritas e mil outros pormenores semelhantes.

Eu respondia a tudo aquilo o mais brevemente possível; ele próprio, sem esperar que eu terminasse, passava a outro assunto. Aquela conversa evidentemente não tinha relação alguma com o que desejava dizer. Então, sem qualquer preparação, como se fosse uma notícia de que acabasse de se lembrar e que temesse esquecer em seguida, disse-me, com uma voz clara e vibrante que ressoou em meus ouvidos como as trombetas do Juízo Final:

— A grande cortesã Clarimonde morreu recentemente, depois de uma orgia que durou oito dias e oito noites. Foi algo de um esplendor infernal. Renovaram-se ali as abominações dos banquetes de Baltasar e Cleópatra. Em que século vivemos,

meu Deus! Os convidados eram servidos por escravos de pele escura, que falavam uma língua desconhecida e que me parecem verdadeiros demônios; a libré do mais humilde deles poderia servir de traje de gala a um imperador.

— Sempre circularam histórias muito estranhas sobre essa Clarimonde, e todos os seus amantes tiveram um fim miserável ou violento. Disseram que era uma ghoul, uma vampira; mas creio que era Belzebu em pessoa.

Ele se calou e me observou com mais atenção do que nunca, para ver o efeito que suas palavras tinham produzido em mim. Eu não pudera conter um movimento ao ouvir o nome de Clarimonde; aquela notícia de sua morte, além da dor que me causava por sua estranha coincidência com a cena noturna de que eu fora testemunha, lançou-me numa perturbação e num pavor que se mostraram em meu rosto, apesar de tudo que fiz para dominá-los.

Sérapion me lançou um olhar inquieto e severo; depois me disse: — Meu filho, devo adverti-lo: você está com o pé erguido sobre um abismo; cuidado para não cair nele. Satanás tem garras longas, e os túmulos nem sempre são fiéis. A pedra de Clarimonde deveria ser fechada com um selo triplo, pois, pelo que dizem, não é a primeira vez que ela morre. Que Deus vele por você, Romuald!

Depois de dizer essas palavras, Sérapion caminhou lentamente até a porta, e não voltei a vê-lo, pois ele partiu para S*** quase imediatamente.

Eu estava inteiramente restabelecido e retomara minhas funções habituais. A lembrança de Clarimonde e as palavras do velho padre estavam sempre presentes em meu espírito; nenhum acontecimento extraordinário, porém, viera confirmar as previsões fúnebres de Sérapion, e eu começava a acreditar

que seus receios e meus terrores eram exagerados demais. Mas, uma noite, tive um sonho.

Eu mal bebera os primeiros goles do sono quando ouvi abrirem as cortinas de minha cama e os anéis deslizarem pelas hastes com um ruído forte; ergui-me bruscamente sobre o cotovelo e vi uma sombra de mulher de pé diante de mim. Reconheci Clarimonde no mesmo instante.

Ela trazia na mão uma pequena lâmpada da forma das que se colocam nos túmulos, cuja claridade dava a seus dedos afilados uma transparência rosada que se prolongava, numa gradação imperceptível, até a brancura opaca e leitosa de seu braço nu.

Tinha por única veste o sudário de linho que a cobrira no leito de aparato; segurava as pregas sobre o peito, como se estivesse envergonhada de estar tão pouco vestida, mas sua pequena mão não bastava. Era tão branca que a cor do tecido se confundia com a da carne sob o pálido raio da lâmpada. Envolta naquela trama fina, que revelava todos os contornos de seu corpo, parecia mais uma estátua de mármore de uma banhista da Antiguidade que uma mulher dotada de vida.

Morta ou viva, estátua ou mulher, sombra ou corpo, sua beleza era sempre a mesma; apenas o brilho verde de suas pupilas estava um pouco amortecido, e sua boca, antes tão vermelha, agora só se tingia de um rosa tênue e delicado, quase semelhante ao de suas faces.

As pequenas flores azuis que eu notara em seus cabelos estavam completamente secas e tinham perdido quase todas as pétalas; isso não a impedia de ser encantadora, tão encantadora que, apesar da singularidade da aventura e da maneira inexplicável como entrara no quarto, não senti um só instante de medo.

Ela pousou a lâmpada sobre a mesa e se sentou ao pé de minha cama; depois, inclinando-se para mim, disse com aquela voz ao mesmo tempo prateada e aveludada que só conheci nela:

— Fiz você esperar muito, meu querido Romuald, e deve ter pensado que eu o esquecera. Mas venho de muito longe, de um lugar de onde ninguém voltou ainda; não há lua nem sol no país de onde chego; há apenas espaço e sombra; nem estrada nem caminho; nenhum chão para o pé, nenhum ar para a asa. E, no entanto, aqui estou, pois o amor é mais forte que a morte e acabará por vencê-la.

— Ah, quantos rostos sombrios e quantas coisas terríveis vi em minha viagem! Que dificuldade teve minha alma, de volta a este mundo pela força da vontade, para reencontrar seu corpo e tornar a habitá-lo! Quantos esforços precisei fazer antes de erguer a laje com que me tinham coberto! Veja: as palmas de minhas pobres mãos ficaram todas machucadas.

— Beije-as para que saírem, meu querido amor! — Ela levou à minha boca, uma após outra, as palmas frias das mãos; de fato, beijei-as várias vezes, e ela me observava com um sorriso de satisfação indizível.

Confesso, para minha vergonha, que esquecera por completo os avisos do padre Sérapião e o caráter sagrado de que estava revestido. Caí sem resistência, à primeira investida. Nem sequer tentara repelir o tentador; o frescor da pele de Clarimonde penetrava a minha, e eu sentia arrepios voluptuosos percorrerem meu corpo.

Pobre criatura! Apesar de tudo que vi nela, ainda me custa acreditar que fosse um demônio; pelo menos não tinha essa aparência, e jamais Satanás escondera melhor suas garras e seus chifres. Ela recolhera os calcanhares sob o corpo e estava agachada na borda da cama, numa posição cheia de coqueteria

indolente. De vez em quando, passava sua pequena mão por meus cabelos e os enrolava em cachos, como se experimentasse em meu rosto novos penteados.

Eu a deixava fazer com a mais culpada complacência, e ela acompanhava tudo aquilo da mais encantadora conversa. Uma coisa notável era que eu não sentia espanto algum diante de uma aventura tão extraordinária; com aquela facilidade que temos, nas visões, de admitir como muito simples os acontecimentos mais bizarros, nada via ali que não fosse perfeitamente natural.

— Eu amava você havia muito tempo, antes mesmo de vê-lo, meu querido Romuald, e o procurava por toda parte. Você era meu sonho, e o avistei na igreja naquele momento fatal; disse imediatamente: “É ele!” Lancei-lhe um olhar em que pus todo o amor que tivera, que tinha e que ainda teria por você; um olhar capaz de condenar um cardeal, de fazer um rei se ajoelhar a meus pés diante de toda a sua corte. Você permaneceu impassível e preferiu seu Deus a mim.

— Ah, que ciúme tenho de Deus, a quem você amou e ainda ama mais que a mim!

Ela baixou a cabeça; uma mecha de cabelo caiu sobre nossas mãos. Afastei-a de seu rosto. Clarimonde acompanhou meu gesto e fechou os dedos em torno de meu pulso, esperando uma resposta que eu buscava sem encontrar. A pequena chama da lâmpada se moveu entre nós; por um instante, aquela mulher que atravessara o túmulo pareceu depender de uma palavra minha.

— Infeliz, como sou infeliz! Nunca terei seu coração só para mim, eu, a quem você ressuscitou com um beijo, Clarimonde, a morta, que força por sua causa as portas do túmulo e vem lhe dedicar uma vida que só retomou para fazê-lo feliz!

Todas essas palavras eram entrecortadas de carícias delirantes, que atordoaram meus sentidos e minha razão a tal ponto que, para consolá-la, não receei proferir uma terrível blasfêmia e lhe dizer que a amava tanto quanto a Deus.

Suas pupilas se reavivaram e brilharam como crisoprásios. — É verdade? Verdade mesmo? Tanto quanto a Deus? — disse ela, enlaçando-me com seus belos braços. — Já que é assim, virá comigo, vai me seguir aonde eu quiser. Deixará suas roupas pretas e feias. Será o mais altivo e o mais invejado dos cavaleiros, será meu amante.

— Ser o amante declarado de Clarimonde, que recusou um papa, é uma bela coisa! Ah, que vida boa e feliz, que bela existência dourada levaremos! Quando partimos, meu gentil-homem?

— Amanhã! Amanhã! — exclamei em meu delírio.

— Amanhã, então! — tornou ela. — Terei tempo de trocar de roupa, pois esta é um pouco escassa e não serve para viajar. Também preciso ir avisar meus criados, que me julgam realmente morta e se desesperam o quanto podem. O dinheiro, as roupas, as carruagens, tudo estará pronto; virei buscá-lo a esta mesma hora. Adeus, meu coração. — E ela roçou minha testa com a ponta dos lábios.

A lâmpada se apagou, as cortinas se fecharam outra vez e não vi mais nada; um sono de chumbo, um sono sem sonhos, abateu-se sobre mim e me manteve entorpecido até a manhã seguinte. Acordei mais tarde que de costume, e a lembrança daquela visão singular me agitou durante o dia inteiro; acabei me convencendo de que era um puro vapor de minha imaginação exaltada.

As sensações, porém, tinham sido tão vivas que era difícil acreditar que não fossem reais; não foi sem alguma apreensão pelo que iria acontecer que me deitei, depois de pedir a Deus que afastasse de mim os maus pensamentos e protegesse a castidade de meu sono.

V — Duas vidas em Veneza

Logo adormeci profundamente, e meu sonho continuou. As cortinas se afastaram, e vi Clarimonde, não como na primeira vez, pálida em sua pálida mortalha e com as violetas da morte nas faces, mas alegre, ágil e radiante, com um magnífico traje de viagem de veludo verde, adornado de galões de ouro e recolhido de um lado para deixar à mostra uma saia de cetim.

Seus cabelos loiros escapavam em grandes cachos de um largo chapéu de feltro preto, carregado de plumas brancas caprichosamente recurvadas; na mão, segurava uma pequena chibata terminada num apito de ouro. Tocou-me de leve com ela e disse: “Então, belo dorminhoco, é assim que faz seus preparativos? Eu esperava encontrá-lo de pé. Levante depressa, estamos sem tempo a perder.” Saltei da cama.

“Vamos, vista-se e partamos”, disse ela, apontando um pequeno pacote que havia trazido. “Os cavalos se impacientam e mordem os freios à porta. Já deveríamos estar a dez léguas daqui.”

Vesti-me às pressas, e ela própria me entregava as peças da roupa, rindo às gargalhadas de meu desajeitamento e me explicando o uso de cada uma quando eu me enganava. Ondulou meus cabelos e, ao terminar, estendeu-me um pequeno espelho de bolso de cristal de Veneza, orlado de filigrana de prata, e disse: “Como você se acha? Quer me contratar como seu criado de quarto?”

Eu era outro e nem me reconheci. Eu me parecia tão pouco com o que fora quanto uma estátua terminada se parece com um bloco de pedra. Meu antigo rosto parecia apenas o esboço grosseiro daquele que o espelho refletia. Eu estava belo, e

aquela metamorfose acariciou sensivelmente minha vaidade. As roupas elegantes, a rica veste bordada, faziam de mim um personagem inteiramente diverso, e eu admirava o poder de algumas varas de tecido cortadas de determinada maneira.

O espírito de meu traje me penetrava a pele, e, ao cabo de dez minutos, eu já estava bastante presumido.

Dei algumas voltas pelo quarto para adquirir desenvoltura. Clarimonde me contemplava com uma complacência maternal e parecia muito satisfeita com sua obra. “Já chega dessas criancices; vamos, meu querido Romuald! A viagem é longa, assim nunca chegaremos.” Pegou minha mão e me arrastou consigo. Todas as portas se abriam diante dela assim que as tocava, e passamos pelo cachorro sem acordá-lo.

À porta, encontramos Margheritone: era o escudeiro que já me havia conduzido; segurava pelas rédeas três cavalos negros como os primeiros, um para mim, um para ele e um para Clarimonde.

Aqueles cavalos deviam ser ginetes espanhóis, nascidos de éguas fecundadas pelo Zéfiro, pois corriam mais depressa que o vento; e a lua, que se erguera à nossa partida para nos iluminar, rolava no céu como uma roda desprendida de seu carro. Nós a víamos à direita saltar de árvore em árvore, perdendo o fôlego para correr atrás de nós.

Logo chegamos a uma planície onde, perto de um grupo de árvores, nos esperava uma carruagem atrelada a quatro animais vigorosos; entramos nela, e os postilhões os lançaram num galope insensato. Eu passara um braço por trás da cintura de Clarimonde e conservava uma de suas mãos dobrada dentro da minha; ela apoiava a cabeça em meu ombro, e eu sentia seu colo seminu roçar meu braço. Jamais experimentara uma felicidade tão viva.

Durante a viagem, Clarimonde ergueu o rosto e me beijou com a calma de quem finalmente chegou ao lugar desejado. Segurei sua mão entre as minhas, ainda aturdido com a liberdade daquele gesto. Ela sorriu e voltou a se apoiar em mim. Lá fora, o ruído das rodas crescia nas pedras; dentro da carruagem, aprendíamos a ficar próximos. Minha boca conservava seu beijo quando as luzes de outra cidade passaram pela janela.

Naquele momento eu esquecera tudo, e a lembrança de ter sido padre era tão remota quanto a do que fizera no ventre de minha mãe, tamanha era a fascinação que o espírito maligno exercia sobre mim. A partir daquela noite, minha natureza de certo modo se desdobrou, e passaram a existir em mim dois homens, um desconhecendo o outro. Ora eu me acreditava um padre que sonhava todas as noites ser um gentil-homem, ora um gentil-homem que sonhava ser padre.

Eu já era incapaz de distinguir o sonho da vigília e ignorava onde começava a realidade e onde terminava a ilusão. O jovem senhor, presumido e libertino, zombava do padre; o padre detestava os desregramentos do jovem senhor. Duas espirais entrelaçadas uma na outra e confundidas sem jamais se tocarem representam muito bem aquela vida bicéfala que foi a minha. Apesar da estranheza dessa situação, creio ter passado todo esse tempo sem tocar, sequer por um instante, a loucura.

Sempre conservei muito nítidas as percepções de minhas duas existências. Havia apenas um fato absurdo que eu era incapaz de explicar: o sentimento do mesmo eu existir em dois homens tão diferentes. Essa anomalia escapava à minha compreensão, quer eu me acreditasse o pároco da pequena aldeia de ***, quer il signor Romualdo, amante reconhecido de Clarimonde.

O certo é que eu estava, ou pelo menos acreditava estar, em Veneza; até hoje me foi impossível destringar com clareza o

que houve de ilusão e de realidade nessa aventura singular. Habitávamos um grande palácio de mármore sobre o Canaleio, cheio de afrescos e estátuas, com dois quadros de Ticiano de sua melhor fase no quarto de Clarimonde, um palácio digno de um rei. Cada um tinha sua gôndola e seus gondoleiros vestidos com nossa libré; tínhamos nossa sala de música e nosso poeta.

Clarimonde concebia a vida em grande escala, e havia um pouco de Cleópatra em sua natureza. Quanto a mim, vivia com o fausto de um filho de príncipe e fazia tanto alarde como se pertencesse à família de um dos doze apóstolos ou dos quatro evangelistas da Sereníssima República; eu sequer teria saído do meu caminho para dar passagem ao doge, e creio que, desde Satanás, quando caiu do céu, ninguém tenha sido mais orgulhoso e insolente que eu.

Frequentava o Ridotto e jogava com um furor infernal. Convivia com a melhor sociedade do mundo: filhos de boas famílias arruinados, mulheres de teatro, trapaceiros, parasitas e espadachins. Apesar da dissipação dessa vida, permaneci fiel a Clarimonde. Eu a amava perdidamente. Ela teria despertado a própria saciedade e dado constância à inconstância.

Ter Clarimonde era ter vinte amantes, era ter todas as mulheres, tão móvel, cambiante e diferente de si mesma ela se mostrava; um verdadeiro camaleão! Ela fazia você cometer consigo a infidelidade que teria cometido com outras, assumindo por inteiro o caráter, o porte e o tipo de beleza da mulher que parecia agradar-lhe.

Ela me retribuía o amor cem vezes, e foram em vão as propostas mais magníficas dos jovens patrícios e até dos velhos do Conselho dos Dez. Um Foscari chegou a lhe propor casamento; ela recusou tudo. Já possuía ouro bastante; queria somente amor, um amor jovem, puro, despertado por ela, que

haveria de ser o primeiro e o último.

Havia noites em que os músicos se retiravam e as últimas vozes morriam no canal. Clarimonde deixava as pérolas sobre a penteadeira e vinha sentar-se junto a mim. Sem as joias, conservava a mesma altivez; ao estender a mão, porém, revelava uma ternura que em público guardava. Eu beijava seus dedos e sentia o peso pequeno de sua cabeça em meu ombro. As cortinas recolhiam a luz das velas, e a noite ficava conosco até que, muito longe, o primeiro sino anunciasse a manhã.

Eu teria sido perfeitamente feliz se um maldito pesadelo deixasse de voltar todas as noites: nele, eu me acreditava um pároco de aldeia que se mortificava e fazia penitência pelos excessos do dia. Tranquilizado pelo hábito de estar com ela, quase deixara de pensar na maneira estranha como conhecera Clarimonde. Às vezes, porém, as palavras do padre Sérapion me voltavam à memória e me causavam certa inquietação.

Havia algum tempo a saúde de Clarimonde declinava; seu rosto perdia a cor dia após dia. Os médicos chamados nada entendiam de sua doença e ignoravam o que fazer. Prescreveram alguns remédios insignificantes e deixaram de voltar. Entretanto, ela empalidecia a olhos vistos e se tornava cada vez mais fria. Estava quase tão branca e tão morta quanto naquela famosa noite no castelo desconhecido. Eu me desesperava ao vê-la definhando assim lentamente.

Comovida com minha dor, ela me sorria com doçura e tristeza, com o sorriso fatal de quem sabe que vai morrer.

Certa manhã, eu estava sentado junto de sua cama e tomava minha primeira refeição numa pequena mesa, para permanecer ao seu lado a cada minuto. Ao cortar uma fruta, fiz por acaso um talho bastante profundo no dedo. O sangue

correu imediatamente em filetes púrpura, e algumas gotas espirraram sobre Clarimonde. Seus olhos se iluminaram; seu rosto adquiriu uma expressão de alegria feroz e selvagem que eu jamais lhe vira.

Ela saltou da cama com uma agilidade animal, uma agilidade de macaco ou de gato, e se precipitou sobre minha ferida, que começou a sugar com uma expressão de indizível volúpia. Engolia o sangue em pequenos goles, lentamente, saboreando cada um como um apreciador que degusta vinho de Jerez ou de Siracusa; entrecerrava os olhos, e a pupila de seus olhos verdes se tornara oblonga, em vez de redonda.

De vez em quando interrompia-se para beijar minha mão, depois recomeçava a apertar com os lábios as bordas da ferida, para extrair ainda algumas gotas vermelhas. Quando viu que o sangue deixara de correr, ergueu-se com os olhos úmidos e brilhantes, mais rosada que uma aurora de maio, o rosto cheio, a mão morna e úmida, enfim mais bela que nunca e em perfeito estado de saúde.

“Não morrerei! Não morrerei!”, disse ela, quase louca de alegria e pendurando-se em meu pescoço. “Poderei amar você ainda por muito tempo. Minha vida está na sua, e tudo o que sou vem de você. Algumas gotas de seu sangue rico e nobre, mais precioso e mais eficaz que todos os elixires do mundo, me devolveram a existência.”

Essa cena ocupou meus pensamentos por muito tempo e me inspirou estranhas dúvidas a respeito de Clarimonde; naquela mesma noite, quando o sono me trouxe de volta ao presbitério, vi o padre Sérapião mais grave e mais preocupado que nunca. Olhou-me atentamente e disse: “Além de perder sua alma, quer também perder seu corpo.

Pobre jovem, em que armadilha caiu!” O tom com que me disse essas poucas palavras me impressionou vivamente; mas, apesar de sua força, a impressão logo se dissipou, e mil outros cuidados a apagaram de meu espírito. Entretanto, certa noite, vi em meu espelho, cuja posição traiçoeira ela deixara de levar em conta, Clarimonde despejar um pó na taça de vinho com especiarias que costumava preparar depois da refeição.

Peguei a taça, fingi levá-la aos lábios e a pousei sobre um móvel, como se pretendesse terminar de bebê-la mais tarde, com calma; aproveitando um instante em que a bela me voltou as costas, derramei o conteúdo sob a mesa. Depois me retirei para o quarto e me deitei, decidido a permanecer acordado e a ver onde tudo aquilo levaria. A espera foi curta; Clarimonde entrou de roupa de dormir e, depois de se desfazer dos véus, estendeu-se na cama a meu lado.

Depois de se certificar plenamente de que eu dormia, descobriu meu braço e tirou da cabeça um alfinete de ouro; então começou a murmurar em voz baixa:

“Uma gota, só uma pequena gota vermelha, um rubi na ponta de minha agulha!... Já que você ainda me ama, é preciso que eu viva... Ah, meu pobre amor! Seu belo sangue, de uma púrpura tão radiante, vou bebê-lo. Durma, meu único bem; durma, meu deus, minha criança; não lhe farei mal; tomarei de sua vida apenas o necessário para impedir que a minha se apague.

Se eu o amasse menos, poderia decidir-me a ter outros amantes e esgotar suas veias; mas, desde que conheci você, todo o mundo me causa horror... Ah, que belo braço! Como é redondo! Como é branco! Jamais terei coragem de picar essa linda veia azul.” E, enquanto dizia isso, chorava; eu sentia suas lágrimas choverem sobre meu braço, que ela segurava entre as

mãos. Por fim, decidiu-se, fez uma pequena picada com a agulha e começou a sugar o sangue que escorria.

Embora tivesse bebido apenas algumas gotas, o receio de me esgotar tomou conta dela; envolveu cuidadosamente meu braço com uma pequena faixa, depois de esfregar na ferida um unguento que a cicatrizou de imediato.

A dúvida acabara; o padre Sérapion tinha razão. Entretanto, apesar dessa certeza, era impossível deixar de amar Clarimonde, e eu lhe teria dado de boa vontade todo o sangue de que precisasse para sustentar sua existência artificial.

Além disso, eu sentia pouco medo; a mulher me servia de garantia quanto à vampira, e o que eu ouvira e vira me tranquilizava completamente. Naquele tempo, minhas veias eram fartas de sangue e estavam longe de se esgotar; tampouco eu regateava minha vida gota por gota.

Eu mesmo teria aberto meu braço e lhe dito: “Beba! Que meu amor se infiltre em seu corpo com meu sangue!” Evitava fazer a menor alusão ao narcótico que ela me servira e à cena da agulha, e vivíamos na mais perfeita harmonia. Ainda assim, meus escrúpulos de padre me atormentavam mais que nunca, e eu procurava em vão alguma nova mortificação que inventar para subjugar e castigar minha carne.

VI — O preço da paz

Embora todas aquelas visões fossem involuntárias e eu delas não participasse de modo algum, faltava-me coragem para tocar o Cristo com mãos tão impuras e um espírito manchado por semelhantes devassidões, reais ou sonhadas.

Para evitar cair nessas alucinações fatigantes, eu procurava me impedir de dormir, mantinha as pálpebras abertas com os dedos e permanecia de pé ao longo das paredes, lutando contra o sono com todas as forças; mas logo a areia da sonolência me rolava nos olhos e, vendo que toda luta era inútil, deixava cair os braços de desânimo e cansaço, e a corrente me arrastava de novo para aquelas margens traiçoeiras.

Sérapion me dirigia as exortações mais veementes e me repreendia duramente pela fraqueza e pelo pouco fervor. Um dia em que eu estivera mais agitado que de costume, disse-me: “Para livrá-lo dessa obsessão, existe um único meio e, embora extremo, precisamos empregá-lo: para grandes males, grandes remédios.

Sei onde Clarimonde foi enterrada; precisamos desenterrá-la para que veja em que estado lastimável se encontra o objeto de seu amor. Assim perderá a tentação de sacrificar sua alma por um cadáver imundo, devorado pelos vermes e prestes a se desfazer em pó; isso certamente o fará voltar a si.” Quanto a mim, eu estava tão cansado daquela vida dupla que aceitei; queria saber de uma vez por todas qual dos dois, o padre ou o gentil-homem, era vítima de uma ilusão. Estava decidido a matar um dos dois homens que existiam em mim em benefício do outro, ou a matar ambos, pois uma vida assim era impossível de prolongar.

O padre Sérapion se munuiu de uma picareta, uma alavanca e uma lanterna, e à meia-noite nos dirigimos ao cemitério de ***, cuja localização e disposição ele conhecia perfeitamente. Depois de fazer a luz resguardada da lanterna percorrer as inscrições de vários túmulos, chegamos por fim a uma pedra meio escondida pelo capim alto e tomada de musgos e plantas parasitas, onde deciframos este começo de inscrição:

Aqui jaz Clarimonde

Que foi, enquanto viveu,

A mais bela do mundo.

“É aqui mesmo”, disse Sérapion e, pousando a lanterna no chão, enfiou a alavanca na fresta da pedra e começou a erguê-la. A pedra cedeu, e ele se pôs a trabalhar com a picareta. Eu o observava, mais sombrio e mais silencioso que a própria noite; ele, curvado sobre sua obra fúnebre, estava banhado de suor, ofegava, e sua respiração apressada parecia o estertor de um moribundo.

Era um espetáculo estranho, e quem nos tivesse visto de fora teria nos tomado antes por profanadores e ladrões de mortalhas que por sacerdotes de Deus. O zelo de Sérapion tinha algo de duro e selvagem, que o fazia parecer mais um demônio que um apóstolo ou um anjo, e seu rosto de grandes traços austeros, profundamente escavados pelo reflexo da lanterna, era bem pouco tranquilizador.

Eu sentia o suor gelado formar gotas sobre meus membros, e meus cabelos se eriçavam dolorosamente na cabeça; no íntimo, considerava a ação do severo Sérapion um sacrilégio abominável, e desejava que das entranhas das nuvens escuras, que rolavam pesadamente acima de nós, saísse um triângulo de fogo que o reduzisse a pó.

As corujas pousadas nos ciprestes, inquietas com o brilho da lanterna, vinham fustigar pesadamente seu vidro com as asas empoeiradas, soltando gemidos lastimosos; as raposas ganiam ao longe, e mil ruídos sinistros se desprendiam do silêncio.

Por fim, a picareta de Sérapion atingiu o caixão, cujas tábuas ressoaram com um ruído surdo e sonoro, com aquele terrível ruído que o nada produz quando o tocamos; ele derrubou a tampa, e vi Clarimonde pálida como mármore, as mãos unidas. Sua mortalha branca fazia uma única prega da cabeça aos pés. Uma pequena gota vermelha brilhava como uma rosa no canto de sua boca descolorida.

Ao vê-la, Sérapion se enfureceu: “Ah, aí está você, demônio, cortesã impudica, bebedora de sangue e de ouro!” E aspergiu água benta sobre o corpo e o caixão, no qual traçou a forma de uma cruz com seu aspersório. Assim que o orvalho sagrado tocou a pobre Clarimonde, seu belo corpo se desfez em pó; restou apenas uma mistura horripelantemente informe de cinzas e ossos meio calcinados.

“Eis sua amante, senhor Romuald”, disse o padre inexorável, mostrando-me aqueles tristes despojos. “Ainda sentirá a tentação de passear no Lido e em Fusine com sua bela dama?” Baixei a cabeça; uma grande ruína acabava de se produzir dentro de mim. Voltei ao presbitério, e o senhor Romuald, amante de Clarimonde, separou-se do pobre padre a quem fizera, durante tanto tempo, uma companhia tão estranha.

Entretanto, na noite seguinte, vi Clarimonde; ela me disse, como da primeira vez, sob o portal da igreja: “Infeliz! Infeliz! O que você fez? Por que ouviu aquele padre imbecil? Você não era feliz? E o que eu lhe fiz para que violasse meu pobre túmulo e expusesse as misérias de meu nada? Toda comunicação entre nossas almas e nossos corpos está rompida

de agora em diante. Adeus, você sentirá minha falta.” Dissipou-se no ar como fumaça, e foi a última vez que a vi.

Ai de mim! Ela disse a verdade: senti sua falta mais de uma vez e ainda sinto. A paz de minha alma foi comprada a um preço bem alto; o amor de Deus estava longe de ser demais para substituir o dela. Eis, irmão, a história de minha juventude. Jamais olhe para uma mulher e caminhe sempre com os olhos fixos no chão, pois, por mais casto e sereno que seja, basta um minuto para fazê-lo perder a eternidade.